



O garatujar como ação molecular: devires que arrastam linhas de escrita...

Monalisa Romanesi Santos^[1]

Francieli Regina Garlet^[2]

Vivien Kelling Cardonetti^[3]

RESUMO: Esse artigo intenciona movimentar diferentes fluxos de escrita e de pensamento a partir da noção de “garatujar”, a qual germinou em uma torção que a tornou verbo, ação e potência infante na pesquisa de um Trabalho de Conclusão de Curso. Com a intenção de operar com a estratégia metodológica nomeada de biografemática (COSTA, 2010; ALMEIDA; MACHADO, 2016), esse texto passou a dar consistência ao gagaratujar de uma escrita-vida em revezamento (com três pares de mãos). Para tanto, uma problemática atravessou e mobilizou esse texto: que forças moleculares e crianceiras um garatujar pode produzir ao ser operado junto aos papéis instituídos? As forças moleculares acionadas nos agenciamentos produzidos possibilitaram o esboço de algumas linhas que buscaram problematizar e transbordar os papéis de mãe e de docência, bem como fazer vazar as paredes que muitas vezes engessam as experiências educativas e de pesquisa. As experiências crianceiras criadas nesse coletivo poético de escrita propiciou ensaiar estratégias de desprender dos papéis rígidos, traçar linhas garatujadas de fuga e abraçar as potências de um devir-criança que habita o corpo/pensamento de cada um que se aventura a viver intensamente cada encontro.

PALAVRAS-CHAVE: Garatujar. Devir-criança. Biografema.

Scrabbling as molecular action: becomings that drag lines in writing...

ABSTRACT: This paper intends to put into movement different fluxes of writing and thought through the notion of “scrabbling”, which generate a new torsion to make it verb, action and infant potencial in a Final Undergraduate Paper research. Aiming to operate a methodological strategy named biographematics (COSTA, 2010; ALMEIDA; MACHADO, 2016), this text gave consistency to the idea of scrabbling a life-writing in alternation (by three pairs of hands). To do so, a problem crossed and mobilized this text: What molecular and infant forces can “scrabbling” produce while operated in instituted roles? Molecular forces activated in the resulting agency allow drafts of lines that seek to problematize and overflow the roles of mothering and teaching, as well as to widen the wall that limit research and education experiences. The infant experiences created in this poetic collective of writing allowed us to rehearse strategies for detaching ourselves from rigid roles, scrabbling lines of scape and embracing the potency of a child-becoming that inhabit the body/thought of each one who adventures living intensively every encounter.

KEYWORDS: Scrabbling. Child-becoming. Biographematics.

Esse artigo tem como disparador de escrita e pensamento a noção de “garatujar”, a qual germinou em uma torção que a tornou verbo, ação e potência infante na pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (SANTOS, 2018) da primeira autora desse artigo^[4].

As forças moleculares acionadas por um garatujar, que ora é também um “gagaratujar”, abre passagem para um devir-criança^[5] na escrita. Da pesquisa da primeira autora são trazidos recortes de um garatujar nos papéis instituídos de mãe. No agenciamento coletivo dessa escrita, agora com três pares de mãos, esse verbo passa a ser operado também para garatujar em outros papéis estabelecidos e outras noções majoritárias.

Adotamos em alguns momentos o ensaio como meio de conversação-escrita e como modo de movimentar nosso corpo/pensamento nessa experimentação em que desejamos escrever não apenas sobre algo que já se passou, pois desejamos também movimentar outros [im]possíveis. Entregando-nos, assim, às forças que sopram transformando a escrita e a nós mesmas.

Buscamos um vigor e uma alegria de travessia, com intuito de acender em nós potências infantis. Em vista disso, passamos a escrever à espreita, sem saber de antemão onde a escrita vai dar, sabemos sim o que nos movimenta a estarmos juntas nessa escrita, mas escrevemos como quem desconhece o final. Esse artigo assediado em alguns momentos pela potência infante do ensaio é, assim, um “caminho que se abre ao tempo em que se caminha” (LARROSA, 2016, p. 27).

Larrosa afirma que “o ensaísta não sabe bem o que busca, o que quer, aonde vai. Descobre isso à medida que anda” (LARROSA, 2016, p. 27). Assim, juntas e a seis mãos, vamos Tateando as linhas de força que nos atravessam no agora, junto dos encontros que a noção de garatujar nos convida a explorar, arrebatando algumas linhas duras que nos compõem, deixando-as como fios soltos a brincar com o vento, a operar vias de fugas para fazer fugir o mundo.

A chamada desse dossiê fez brotar um desejo de escrever juntas, de compor um agenciamento de forças. Como afirma Dalmaso: “Uma criança brinca com aqueles que possam compor junto dela [...] É como se ela sussurrasse: ‘Se você não compor comigo, genuinamente, não vai rolar essa brincadeira’” (DALMASO, 2020, online). Assim, a brincadeira dessa escrita “rola” porque compomos uma com a outra nesse encontro, atentas ao que ele vai movimentando em nós.

Traçamos percursos por blocos de sensação: linhas, corpos, garatujas, paredes, papéis, ar. Corpo-desenho, corpo-cansado, corpo-criança, corpo-docência, corpo-pesquisa. Uma mãe. Uma docência. Uma criança. Linhas duras, linhas moleculares. Desejos de escrita. Desejos de conversação. Desejo de coletivo. Coletivo mãe-e-filho. Coletivo de escrita-a-seis-mãos. Maternidade, trabalho, leitura, escrita, pesquisa, devir-criança. Sobreposição de tempos. Ensaio. Revezamento.

Junto a esses blocos de sensação, são acionados/as para compor conosco, nessa conversação-escrita, alguns autores e autoras como: Deleuze (1990, 1992), Deleuze e Guattari (1996, 2011, 2012), Derdik (1989), Santos (2018), Hara (2012), Larossa (2016), Corazza (2013), Ribetto (2011), Skliar (2014), Gil (2009), Kohan (2004) e Rolnik (2018). Nesses agenciamentos, produz-se a problemática que atravessa e mobiliza essa escrita: que forças moleculares e crianceiras um garatujar pode produzir ao ser operado junto aos papéis instituídos?

Avisamos desde já ao/à leitor/a que concedemo-nos escrever esse texto num fluxo que perpassa ora a primeira pessoa do plural, ora a primeira pessoa do singular, ora a terceira pessoa do singular, tendo em vista que nossas linhas de fuga são acionadas pelas conversações “gagaratujadas”. O gagaratujar na escrita se produz, assim, enquanto um agenciamento entre escrita, garatuja e gagueira que acontece e modula nossas experimentações biografemáticas (COSTA, 2010; MACHADO; ALMEIDA, 2016), sendo essa última a estratégia metodológica que perpassa essa escrita. O gagaratujar acontece assim, como tentativa de gaguejar em nossa própria língua, fazer gaguejar a própria linguagem e os traços biográficos que nos compõem (DELEUZE; PARNET, 1998).

Os biografemas por vezes aparecerão em itálico em meio ao texto e sinalizados como: biografema da primeira autora, da segunda autora e da terceira autora. Entretanto, esse exercício biografemático também se dilui em outros momentos da escrita, emaranhado aos conceitos e às potências geradas pelos afetos de uma escrita coletiva em revezamento que produz conversações com nossos traços biográficos, arrastando cada uma de nós para outros [im]possíveis. Assim, nessa multiplicidade de vias que se abrem ao sermos afetadas em meio às conexões, a necessidade de escrita se renova e segue a produzir esse agenciamento coletivo povoado de encontros.

Onde nasce um garatujar como potência molecular...

Enfim, chego em casa depois de um dia corrido, passo um café e sento na cadeira da cozinha, nesse instante, o pensamento já lateja aqueles afazeres típicos e necessários de um lar - lavar a louça, preparar o jantar, dar banho no filho ...- mas, apesar dos afazeres fico ali, parada. Quem sabe isso possa ser uma tática, um possível desvincular das obrigações, que de alguma forma se calam. Em meio a esse silêncio, os olhos se perdem e se fixam na superfície das paredes, como se ali fosse a fuga, a potência de fazer fugir... (Biografema da primeira autora).

Como afirma Deleuze e Parnet (1998, p. 49), “fugir não é renunciar às ações, nada mais ativo do que uma fuga”. Linhas que fogem das paredes, mas que paredes seriam essas? Em primeiro plano são apenas paredes, mas são paredes inscritas de vivências, são as paredes de um lar^[6]. São paredes que marcam as experiências de uma mãe e seu filho, linhas que se dobram no lar, sem preceitos de ser ou não um lugar certo para desenhar, mas aceitando que naquele momento as paredes foram a melhor superfície para garatujar.

Traçando linhas, modificando a matéria bruta, marcando as paredes, atravessando os pontos... De um ponto a outro, temos uma linha, mas a linha de fuga não tem início nem fim, tem meio, “entre-meios”, não há pontos em uma linha de fuga, não há territórios, ela é um fluxo de desterritorialização (DELEUZE; PARNET, 1998). Seria essa uma superfície plana e ao mesmo tempo tridimensional? Seria esse um movimento tão intenso no qual uma folha de papel não daria conta? Seria esse o momento de dobrar a materialidade e perceber que a linha, ali naquela hora, colocava-se quase que insignificante, ao passo que o pular, o correr, o cantar e o estar ali, naquele momento, manipulando o ar e respirando entre as paredes, era mais potente que a própria visualidade do território?

As experimentações/experiências foram germinando a cada dia. Um movimento de composições rizomáticas ia de um cômodo ao outro e seguia se constituindo no “entre”, pois não havia início possível de ser localizado, nem mesmo uma direção fixa. Elas pendiam para múltiplos lados, atravessavam as portas, marcavam as paredes com a fricção do lápis e do giz. Linhas de multiplicidade, intercalavam-se sobre si mesmas e se dobravam sobre a materialidade da casa.

Linhas atuantes... São três anos de sobreposições frequentes... Seria uma possível série, na qual seguem inquietações que não tem fim, uma vez que os processos de produção não acabam e não são encerrados de modo passivo, pois há sempre novos encontros que arrastam esse processo para outros “entres”? À vista disso, é possível afirmar que a série de fotografias “As paredes da minha casa” reverberam e continuam reverberando em processos.

Figura 1. Da série fotográfica: “As paredes da minha casa”, produzida pela primeira autora, 2016-2018.



Fonte: Acervo pessoal da primeira autora.

Por esse motivo, perco-me olhando as paredes, seriam pareidolia em meio a essas linhas que afagam lembranças? Linhas que não são minhas, mas que pedem passagem, pedem morada, ou então, entram sem pedir, perpassam sem querer e afetam mesmo sem saber. Nesses acontecimentos/experiências “algo” acontece, as garatujas abrem caminhos para novos territórios e diferentes modos passam a se ramificar no “entre”, abrindo possibilidades para além do “ser” e do “é”.

Fazer fugir com linhas tem possibilitado abraçar “uma experimentação-viva” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 61) que foge e/ou faz fugir muros/paredes que determinam as binariedades e as direções fixas. Tem propiciado também produzir vazamentos em meio aos parâmetros entre dois elementos, dois pontos que compõem linha reta com um ponto de partida e um ponto de chegada. A linha reta diz de uma linha dura que se encontra presa aos pontos que a compõem, linhas de segmentaridade que se fixam em forças reativas e perpetuam as formas pré-estabelecidas.

Essas linhas duras e concêntricas fazem “coincidir todas as habitações num só centro, o qual não para de se deslocar, mas permanece invariante em seus deslocamentos”

(DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 81), uma arborescência que confere um ponto de partida. Nesse sentido, perde-se a multiplicidade e as “n” possibilidades de se “estar”, para fixar-se no “ser”, que segue reproduzindo formas e forças reativas.

Desse modo, as segmentações lineares sendo concêntricas, tendem a demarcar as binariedades entre homem-mulher, adulto-criança, preto-branco, figuração-garatuja, “[...] onde se inscrevem todas as determinações objetivas que nos fixam, nos enquadram, nos identificam e nos fazem reconhecer; buracos onde nos alojamos, com nossa consciência, nossos sentimentos, nossas paixões” (DELEUZE; PARNET, 1998, p.58-59), desejos e identidades.

O próprio significado dado às garatuja “01. Esgar, momice, careta 02. Desenho malfeito, tosco, de pouca importância; rabisco” (FERREIRA, 2010), reflete esse pensamento das formas já dadas, a busca por uma apreensão da realidade esperada, uma busca de reconhecer o que se é familiar, algo possível de ser nomeado, de saber da onde vêm e o que se pretende representar. No dicionário Aurélio as garatuja são descritas como “malfeito”, mas pode-se perceber aqui um ponto excludente, ao passo que ele delimita o desenho da criança a uma forma figurada final e exclui as demais potências.

Nesta escrita, as garatuja são campos de [im]possíveis que o desenho da criança inscreve no seu próprio ato de fazer, as linhas de fuga que por ele perpassa, as quais, muitas vezes, são ignoradas por nossa percepção racional e objetiva. Assim, colocamo-nos a pensar: Como acolhemos os desenhos das crianças, as garatuja? Como estar e compor com as crianças?

A linha da garatuja está também atrelada aos estudos do desenvolvimento do grafismo infantil. Contudo, ressaltamos que, no percurso desta escrita, não vamos nos direcionar sobre uma dita figuração, forma ou caráter “evolutivo” do desenho que tais teorias buscam pensar, pois essa construção de fases do desenvolvimento, já repercute em um modo esperado e majoritário do desenho.

A linha garatujada acontece “pelo prazer de rabiscar, de gesticular, de se afirmar. O grafismo que daí surge é essencialmente motor, orgânico, biológico, rítmico” (DERDYK, 1989, p. 56). A linha garatujada é aberta para o ser do devir, o corpo da criança faz do espaço um suporte para si, os rastros são múltiplos. São sons, grafismos, movimentos, marcas e narrativas-acontecimento, pistas de uma criança molecular que ao desenhar/garatujar também dança, canta, narra, performando o traço em devires outros que perpassam seu corpo disponível ao devir... Linha... corpo... garatuja... “*o trem tá passando*”, “*a chuva tá chovendo*”, “*o passarinho tá correndo*”^[7]... Uma garatuja acontece animada pela

afirmação do presente corpóreo, compondo com os sons que atravessam o cotidiano, abrindo passagem com o traço garatujado, para um devir-trem, devir-chuva, devir-avião, devir-pássaro a correr em velocidade infinita... Gagaratuja operadas com o corpo/pensamento/criança abertas às modulações de afetos e sensações, com a “[...] extração do inumano no seu corpo humano” (GIL, 2009, p. 19): corpo-máquina que voa, corpo-máquina-trem que produz seus trilhos no movimento da aventura de um gagaratujar, corpo-pássaro que “caminha” em voo gagaratujado, corpo-chuva que dilui o cotidiano em potências fabuladoras de vida...

Conforme aponta Gil (2009, p. 22), “existe uma diferença essencial entre o devir-criança e todos os outros devires. Essa diferença é o que faz com que a criança não tenha que devir criança para produzir nela uma criança molecular”. Entretanto, essas forças moleculares coexistem, tencionam com as forças molares que querem a todo momento capturá-las em estratos que classificam, generalizam e engessam a infância em um modo majoritário (KOHAN, 2004). Essa infância majoritária, produzida desde espaços molares (políticas públicas, os estatutos, os parâmetros da educação infantil, as escolas, os conselhos tutelares) definem a infância, sem talvez atentar ao que cada infância singular “pode” em suas relações minoritárias. Assim, pensamos: como um garatujar pode acionar linhas de vida nesses e em outros papéis produzidos pelos espaços molares, liberando potências infantis em qualquer “fase da vida”, em meio às nossas atribuições cotidianas e a tudo aquilo que é capturado pelas forças majoritárias?

Pensamos assim, nesta escrita, o garatujar como uma potência infante que pode intervir nas nossas camadas adultas e nos papéis e paredes majoritários que nos compõem e limitam. O garatujar pode acontecer como uma ação produzida por uma linha que vibra de modo tão intenso que se torna ingovernável, acionando uma infância minoritária junto das partículas moleculares que se esquivam das linhas duras desses papéis majoritários. Partículas que experimentam velocidades e lentidões, produzindo linhas intensivas de um garatujar como força vital, um devir-criança a garatujar na vida com o corpo/pensamento.

Como afirmam Deleuze e Guattari,

[...] as crianças não extraem suas forças do estatuto molar que as doma, nem do organismo e da subjetividade que recebem; elas extraem todas suas forças do devir molecular que elas fazem passar entre os sexos e as idades, devir-criança do adulto como da criança [...] é o próprio devir que é criança [...]. A criança não se torna adulto [...] a criança é o devir-jovem de cada idade. Saber envelhecer não é permanecer jovem, é extrair de sua idade as partículas, as velocidades e lentidões, os fluxos que constituem a juventude *desta* idade (DELEUZE & GUATTARI, 2012, p. 73).

O garatujar atravessa essa escrita como uma [im]possível via para extrair essas partículas juvenis de cada idade que nos compõem, como via para emitir partículas moleculares em meio a ações que muitas vezes são também capturadas por uma instância molar (escritas, docência, infância, maternidade). Ao operar o garatujar na escrita enquanto verbo, abrimo-nos aos movimentos e devires que ele aciona em nós ao passo que escrevemos.

A biografemática (COSTA, 2010; MACHADO; ALMEIDA, 2016) foi, assim, nossa estratégia metodológica para garatujar em escrita fragmentos de vida. Experimentamos uma escrita-biografia enquanto “traços biográficos” (COSTA, 2010) que pedem passagem. Esse movimento ressoa no garatujar como verbo de ação e do que potencializa um garatujar no próprio movimento dos seus gestos e do que aqui potencializa um garatujar com a escrita-vida. Roland Barthes chama “traços biográficos” esses fragmentos de vida que tem o potencial de disparar outros movimentos através da escrita (COSTA, 2010). Segundo Machado e Almeida (2016, p. 81), “Barthes afirma uma escrita que seja capaz de ativar a potência de fragmento de uma história e de criar uma ordenação não linear para acontecimentos de uma vida”.

Permitimo-nos, nesse sentido, vazar das pretensões de testemunho de uma verdade vivida e “passada a limpo”, de um direcionamento bem ordenado de uma história de vida a ser contada, para tomar em mãos alguns fragmentos biográficos dispersos, atentas ao que cintilava neles enquanto força molecular, enquanto fagulhas de criação. Acolhemos, assim, o exercício biografemático como um meio de experimentar de um outro modo essas partículas dispersas de nossas biografias, sem a pretensão dura de “verdade” biográfica ou para delimitar quem somos. Buscamos antes, um movimento de transbordamento de nós mesmas nesse revezamento de escrita que compõe esse artigo a seis mãos.

Convidamos, assim, os leitores e leitoras desse texto a passearem pelas linhas que seguem, junto do que foi possível produzir e transbordar nesse exercício biografemático gagaratujado nos papéis de mãe e de docência, bem como nas paredes que muitas vezes engessam as experiências educativas e de pesquisa. Convidamos também a compor forças para arrastar o tempo cronológico a brincar conosco na lama, e então provocá-lo a se perder em meio às gargalhadas brincantes que emanam de uma imagem. Imagem essa, que aqui se esquia de uma imagem lembrança voltada para uma rememoração do passado, para fulgurar potências moleculares de um devir-criança em qualquer idade, atravessando movimentos de vida, de escrita, de leitura, de uma poética materna, de docência e de pesquisa. Você gostaria de se aventurar conosco? Então vamos...

Garatujando no papel de mãe: linhas de fuga de uma mãe molecular

Discorro por meio das linhas que afagam o garatujar, um jogo entre as linhas duras, flexíveis e de fuga. Segundo Deleuze e Guattari “toda sociedade, mas também todo indivíduo, são pois atravessados pelas duas segmentaridades ao mesmo tempo: uma molar e outra molecular” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 83), sendo que toda linha de fuga é um ato minoritário - molecular - e as linhas duras - molares - são majoritárias e “parecem ter perdido assim sua faculdade de brotar, sua relação dinâmica com segmentações em ato, que se fazem e se desfazem” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 81).

Garatujar no papel de mãe é passar entre as linhas duras, é se mover por meio de uma linha quebrada que foge e se metamorfoseia em meio às formas que se inscrevem no acaso. Nesse sentido, há uma linha que se constrói na medida em que segue seu fluxo, que permite ir garatujando para além de uma representação de mãe, mas como uma ação nos papéis da vida.

Em meio às formas adultizadas, figuradas, rígidas e presas às figurações, linhas do garatujar me chamavam e as experimentações que já aconteciam em casa começam a despontar por outros rumos. A princípio, as garatuja estavam nas paredes, de modo que pensei em explorar os traços sugeridos pelo meu filho Davi, com intuito de compor outros traços. Porém, a troca de suporte não foi bem recebida, as paredes compunham um espaço para seus movimentos, a folha de papel em si parecia uma tortura, acabou não dando certo e o Davi não quis garatujar nelas.

De maneira desmedida, comecei a garatujar, em um movimento onde os pontos deixam de ser coordenados e passam a ser experienciados, transpassados. Movimentos de lentidão e repouso seguem permeando nesse pequeno trecho da escritura da série em gravura “Garatujando” (2017).

‘Garatujando’ é o nome dessa experiência permeada de atravessamentos. Para compor os desenhos, optei por uma técnica de traçado livre e sem pretensão, com apenas um lápis e uma folha, desenhei garatuja de modo espontâneo, de olhos fechados e com o ritmo que soava no momento. [...] Desenhar dessa forma me deixa realizada, nunca foi tão prazeroso desenhar como é agora, parece que garatujar sem intenções iniciais acalma a alma e a ansiedade dos resultados (Fragmentos do portfólio da primeira autora, Garatujando, 2017).

Figura 2. Experimentações em garatujas da primeira autora, 2016.



Fonte: Acervo pessoal da primeira autora.

Figura 3. À esquerda “O bambolê”, à direita “O pipeiro”. Gravuras produzidas pela primeira autora, 2016.



Fonte: Acervo pessoal da primeira autora.

Figura 4. À esquerda “O pião”, à direita “A dança”. Gravuras produzidas pela primeira autora, 2016



Fonte: Acervo pessoal da primeira autora.

Os processos de experimentação são sinuosos, não sei ao certo “os porquês” das repetições e as compulsões diárias por garatujas. O garatujar nesse momento se apresenta como algo no qual não há escolha, mas que talvez seja a última saída que se coloca perante a necessidade do momento. Eu estou repleta de garatujas, estou ocupando minha casa com esses afetos e com essas vivências. As crianças experimentam o mesmo traçado até se esgotar, até sentir que aquela linha vai tomando outra forma e, nesse processo, segue a experimentar loucamente essa outra configuração. As crianças experimentam o tempo todo. Devenho-criança nesse momento, no qual não estou meramente a imitar meu filho, mas, sim, compondo com ele outras linhas mediante essa linha da nossa coexistência diária.

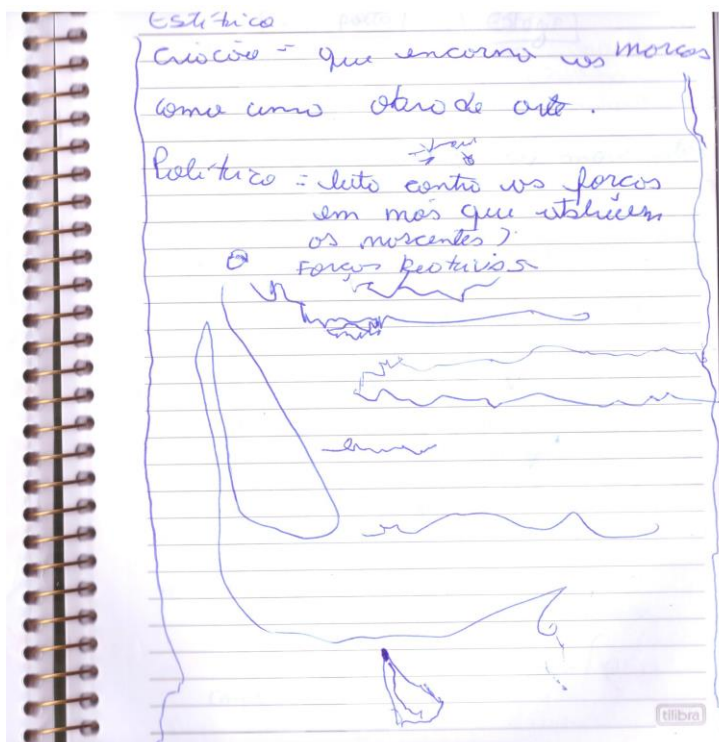
As garatujas inscritas no meu lar permearam as minhas produções poéticas ao longo da faculdade em Artes Visuais na Universidade Estadual de Maringá (2015-2018). São fluxos de tempos distintos que se misturam com tempos de mãe, tempos de criança, tempos de alteridades que embrenham em corpos, em momentos, em idades, em um “eu” que está sempre a se produzir e a se desfazer. São momentos de lentidão e repouso, ao passo que “[...] alguma coisa transborda, alguém transborda” (SKLIAR, 2014, p. 150) ou ambos transbordam. E assim, percorrendo os apontamentos de Skliar (2014) sobre as relações de alteridades, o autor levanta o seguinte questionamento: “[...] como seria possível estar por dentro, adentrar-se e respirar numa idade que ainda não tenho ou já tive, um corpo que não percebo, um país que não habito, uma língua que eu não falo?” (SKLIAR, 2014, p. 145).

A partir dessas questões me pergunto: Como dialogar com essa escritura de linhas em ação e de falas “gagaratujadas” em uma idade que eu já tive, mas, em um corpo que não é meu? Como podemos pensar essa alteridade das linhas que perpassam essas experiências? E

em vias de possíveis, comungo com Skliar (2014), o que se insere nas relações de alteridades não é um modo rígido e cauteloso para se colocar no lugar do outro, mas aquilo que se prolonga, que perturba e nos arrasta em devires nesse encontro com outro.

O fragmento presente na imagem abaixo, retirado do meu caderno da faculdade, traz a sutileza desses prolongamentos de linhas, encontros que se fazem traços biográficos cotidianos. Há uma rotina de estudos que acontece juntamente com a presença do meu filho, ao passo que ele também é afetado por minhas ações, bem como eu com as suas. A folha na qual contém algumas anotações iniciais de meus estudos foram prolongadas com suas linhas, com sua escritura “gagaratujada”, expressando esse zigzague vivenciado a cada dia, o vai e vem das anotações, a tentativa de traçar a linha nas pautas da folha.

Figura 5. Página do caderno da primeira autora, 2018.



Fonte: Acervo pessoal da primeira autora.

Essas linhas do Davi que coexistem com as minhas, abrem [im]possíveis que me convidam a desenhar com os olhos. Ao observar as linhas, acontecem encontros, essas linhas passam a formar um imenso seio e essas conexões me convidam a produzir/criar possibilidades outras.

Figura 6. Poesia visual produzida pela primeira autora, sem título, 2018.



Fonte: Acervo pessoal da primeira autora.

Essa poesia visual diz respeito à multiplicidades, ao passo que afirma um processo entre a casa e o fora, entre o amamentar meu filho por dois anos e, concomitantemente, cursar uma graduação. “É o meu seio que anseia o nutrir e o fazer”, o nutrir que anseia estar mãe, estar acadêmica e se abre à potencialidade do acaso. A frase “o fazer é o meu seio que anseia o nutrir” também pode ser lida como “o nutrir o fazer é o meu seio que anseia”, não requerendo, assim, início demarcado, mas movimento. Movimento de vida, de um estar em casa, estar fora dela, estar onde eu queira estar. É um seio que está a todo momento se enchendo e se esvaziando, modificando-se e assediando os papéis da vida nos quais me disponho a garatujar.

Por meio desse fragmento cotidiano e da poética acionada com ele, compartilho com os apontamentos de Deleuze e Parnet (1998) sobre o que se produz em conjunto, em conexões com o outro. São relações que não se conferem por uma imitação, mas por conjugação, “há um encontro onde cada um empurra o outro, o leva em sua linha de fuga, em uma desterritorialização conjugada” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 57). Desse modo, tomar essas garatujas como um verbo de ação, diz respeito a me colocar em movimentos de conjugação com meu filho, relações de alteridade que fazem fugir e geram descentramentos, desassossegos, devires que produzem um atravessamento que faz com que suas garatujas me envolvam, abracem-me e me arrastem a uma Monalisa outra, que difere da Monalisa de ontem e assim sucessivamente.

As linhas que perpassam minha produção poética tombam sobre o garatujar como um verbo pulsante que arrasta os dizeres, multiplicidades, fluxos não lineares de linhas mutantes que se soltam e se atam a todo momento, percorrendo o fazer, o ir, o delinear que se produz e que germina a possibilidade das múltiplas formas, relações de alteridade que mobilizam poética e escrita “a partir do estremecimento diário” (SKLIAR, 2014, p. 150).

A criança é o agente do acontecimento de seu tempo, um tempo que se faz de outro modo, um tempo de criança, um tempo que é diferente do tempo do adulto. Skliar (2014) discorre que:

O tempo das crianças não é unidimensional. Não acontece por concentração, disciplina, esforço, aplicação, dedicação. Acontece por animalidade. Se prefere, para não ofender os demais humanos, acontece por uma animalidade de afeição perceptiva. Afeição perceptiva: quando os ouvidos estão abertos, quando o olhar está aberto, quando a pele está aberta, quando o mundo chega incontinentemente a um corpo que o recebe sem escrúpulo, sem armadilhas, sem jurisprudência (SKLIAR, 2014, p. 165).

Como exposto acima, a criança abraça essa potência de multiplicidade, afetação que acontece de vários modos, e por isso não tem somente uma direção, mas várias possibilidades de “compor com” aquilo que lhe chega e toca através de sua espreita. E assim, a conjunção engendra esse estar múltiplo que a criança lida a todo momento, um desenho não é só um desenho, ele tem um som, um movimento que mobiliza todo corpo, pois “muitas vezes, o estímulo motor se sobrepõe ao estímulo visual: atrás de um rabisco caótico pode existir um desenho elaboradíssimo. Quem não acompanhou seu processo de realização, jamais poderá adivinhar de que se trata” (DERDYK, 1989, p. 68).

Como afirma o personagem pequeno príncipe de Antoine de Saint-Exupéry, é frequente que adultos não consigam compreender nada sozinhos e “é cansativo para as crianças ter sempre que explicar as coisas para eles” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 10). Como abrir em nossas camadas adultas pequenos buracos para passagem de uma outra lógica, uma lógica infante que nos permita um outro tipo de relação com um desenho/garatuja de criança, que não cobre dela explicações dentro da nossa lógica adulta e figurativa, mas que possa nos colocar disponíveis a fazer vizinhança com as partículas moleculares em movimento que se erguem de um desenho-garatuja-acontecimento?

É essa pulsão de movimento de linha que me atravessa e me marca. São andanças de um cômodo ao outro, a linha que perambula pela sala e corredores, que uma hora é saltitante e espoleta, outra hora é atenta e cautelosa, linhas que compõem uma multiplicidade juntamente com o balbuciar das narrativas do agora, das atualizações das memórias

atravessadas em gagaratujas que o Davi vai produzindo: “eu comi uva”..., “eu fui na escolinha”..., “o trem tá passando”..., “a chuva tá chovendo”..., “o passarinho tá correndo”..., “o peixinho tá voando”.

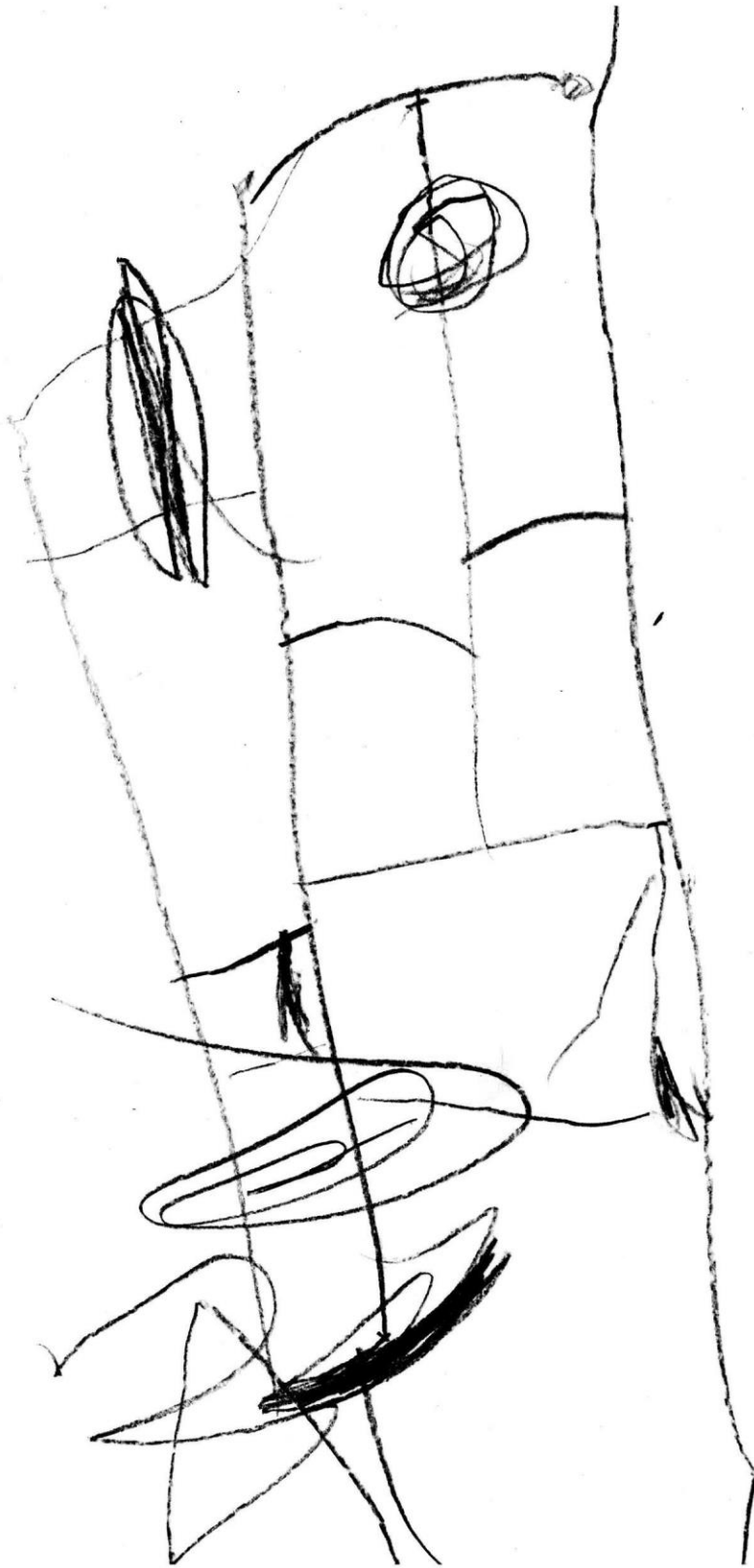
Conseqüentemente, não temos nesse caminho apenas uma cartografia por meio da escritura, mas também cartografias outras, que são linhas de um garatujar, que disparam discussões políticas da maternidade, linhas que operam um garatujar em um papel de mãe padronizado e rígido, e assim alinhavar esse “entre-meio” com o meu filho, esse “estar com” que não é imitar, mas, são os possíveis de serem arrastados por essa conjugação que aflora o tempo de criança para fazer dançar, fazer fugir, fazer emergir as potências moleculares da maternidade.

Em um devir-criança, deixo-me arrastar por “uma linha abstrata e quebrada, um ziguezague que desliza “entre”. A grama é a velocidade [...]. As crianças são rápidas porque sabem deslizar entre” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 42). Sinto essa necessidade ao garatujar nesse “papel de mãe”. Experimento, assim, a construção de outros modos de operar e fazer fugir uma maternidade que vibra em uma linha tênue que é materna e que dança uma dança da improvisação nos quais os movimentos não são fixos, são “ziguezagues que deslizam” no cotidiano e seguem o ritmo da vida, o vibrar dos corpos.

O hábito de desenhar do Davi acontecia nas paredes, mas também se desdobrava por experimentações em outras superfícies. Sendo assim, encontrei certo dia, um desenho em um papel no chão da cozinha, não lembro para onde eu estava indo, mas estava saindo de casa, e como sempre, com bolsas e sacolas em um braço e filho no outro. Dessa maneira, mesmo sem afirmar um modo certo de posicionar o desenho ou compreendê-lo, nessa posição exposta abaixo, ele me convidava a produzir sentidos. Composto por linhas verticais, horizontais e alguns movimentos circulares, seria esse desenho uma figura humana com ombros avantajados e cabeça baixa?

Naquelas linhas se produzia uma sensação de pressão, de peso nos ombros, de um cansaço. Vi-me naquelas linhas ao passo que elas abraçaram meu corpo humano e inumano. Em meio a esse encontro, resgatei mais que rapidamente esse desenho do chão e com um pouco de pressa, a geladeira foi seu refúgio, junto com um ímã.

Figura 7. Davi Bernardo, Sem título, A4, 2018.



Fonte: Acervo pessoal da primeira autora.

Figura 8. Monalisa Romanesi Santos, sem título, 15x6 cm, 2018.



Os relatos cotidianos imbricados nesse percurso poético se fizeram por meio de uma sobrecarga de sensações sobre estar mãe solo. É um amontoado de dor, peso, força, tristezas e alegrias de uma rotina insana, um fragmento biográfico que atualiza um corpo memória, reverberando as marcas que gritaram/gritam... em um corpo experiência, naquilo do qual não se quer lembrar. Não está sendo um processo fácil, de todo modo, falar não tem sido uma escolha, mas uma necessidade de reexistência. As marcas estão vazando sobre os poros, as palavras não querem ser silenciadas - novamente - pelas linhas molares que separam o corpo do que ele pode, de suas potências, tem sido difícil desviar de mim mesma, desviar de minhas marcas.

Marcas que dizem de uma mãe solo, que convive dia após dia com sentimentos sendo engolidos, com dores sendo julgadas como pieguice, com tentativas de diálogo encaradas como ameaças. Coagir, calar, negligenciar a fala é a tática de um discurso majoritário que nem mesmo se dispõe a ouvir. O exercício biografemático e poético foram se configurando como um modo de cuidar dos nós da garganta, garatujando nos papéis de mãe, corporificando palavras não ditas, como um modo de impedir se atrofiassem (ROLNIK, 2018). Essa necessidade de dialogar com aquilo que pede morada, seriam palavras almas?

Fonte: Acervo pessoal primeira autora.

Os guaranis chamam a garganta de *ahy'o*, mas também de *ñe'e raity* que significa literalmente “ninho das palavras-almas”. É porque eles sabem que embriões de palavras emergem da fecundação do ar do tempo em nossos corpos em sua condição de viventes (ROLNIK, 2018, p. 26, grifos no original),

Esse excerto instiga a pensar/indagar: como estamos cuidando do nosso ninho de palavras? Estaríamos sufocando-o diariamente? O sufoco que transpassa nessa escrita como ensaio, vai aos poucos disparando potências de ação biografemática, garantida como verbo que movimentava forças, falas, existências que vibram desejos de outras formas de vida, produção de palavras alma.

Até quando aguentaremos esse ritmo insano de uma dita forma molar sobre o “papel mãe”? O cuidado de si, as narrativas de si que ganham corpo em biografemas se atrevem a compor outras formas em meio aos códigos morais, intervêm ações por meios éticos e estéticos que requerem desnaturalizar os processos de normatização vigentes e os modos de subjetivação molares que tendem a despotencializar os modos de vida singulares. As linhas, o garantir no papel de mãe, bem como no papel de mulher molar, é um modo de me colocar no mundo de forma mais inventiva, comportando modos de singularização por meio do cuidado de si, do viver artista, por meio de uma linha que se dobra sobre si mesma.

E nesse anseio, linhas “devem ser inventadas, traçadas, sem nenhum modelo nem acaso: devemos inventar nossas linhas de fuga se somos capazes disso, e só podemos inventá-las traçando-as efetivamente, na vida” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 70). São saberes singulares, produzidos e emaranhados ao cotidiano, à vida privada, à experiência subjetiva feminina que se desgrudam dessa subjetivação engendrada em nossos corpos. E assim, abre-se uma via para descodificar-se, e atar-se a uma mudança, que mesmo muda, dança.

Garatujando nas paredes e papéis da docência – Esboço de uma docência criança...

Há paredes, há papéis que enclausuram e saturam a docência sobre o que ela é, sobre o que já foi e até mesmo sobre o que poderia ser. Eles estabelecem formas, normas. Formas de ser um “Bom Professor”, na qual muitas vezes não conseguimos caber, ao menos não sem ficarmos muito apertados. Um conceito fechado de docência, onde acaba-se por abandonar todas aquelas “diferenças singulares”, as “[...] inúmeras maneiras de ser, de tornar-se, de operar como um professor” (CORAZZA, 2013, p. 21-22).

Assim, pergunto-me: O que acontece com nossa singularidade, que é por onde passa nossa vitalidade, quando ela não cabe nas normas das formas já dadas? O que um garantir, um

gagaratujar pode produzir ao se encontrar com esses papéis, com essas paredes que delimitam uma docência majoritária?

Tenho tido essa sensação, de que docência que experiencio não cabe nos modelos de docência que me imponho. Uma docência falante e performática, que confesso admirar bastante, na qual fiz muitas tentativas frustradas para caber. Acontece que minhas mãos de docência são trêmulas demais, minha voz é baixa e meu corpo não consegue sustentar uma postura firme, pois, é desajeitado e tímido. Tive, assim, de vasculhar outras alternativas de docência para esse corpo trêmulo e desajeitado, para produzir encontros outros junto dessa singularidade que me compõe.

Desde que parei de tentar caber nessa docência na qual meu corpo não cabia e de parar de acreditar que conseguia esconder os movimentos trêmulos e desajeitados do meu corpo-docência; desde que comecei a acolher esses movimentos como possibilidades de estar docente, na sua diferença, passei a afirmar uma docência garatujada nos encontros, na experiência, gagaratujada no tom baixo e trêmulo da minha fala.

Passei então, a ver algumas potências nessa falta de “verdade absoluta” que esse modo de falar acionava, o coletivo que fazia a travessia da aula comigo, talvez se sentisse mais convidado dessa forma a participar dessa produção de sentidos, que não ficava presa apenas às minhas verdades de professora, mas que produziam outros possíveis nesse tremular/gagaratujar da fala em conversação com os/as estudantes.

Comecei então a tomar gosto por operar uma docência em tom menor. Afirmei a escuta, à espreita da vitalidade do que poderíamos inventar juntos (eu e os educandos/as com quem me encontrava), no coletivo em uma aula. Não desejei mais estar na posição de dona da palavra, de carregar o fardo de uma verdade a ser dita, lancei-me na alegria de tecer coletivamente os fios das palavras em conversação, e passei a atentar ao que conferia potência a ela. Coloquei-me a espreitar as faíscas que faziam nascer um desejo de falar, em mim e naqueles/as que compunham comigo aquele coletivo. Passei também a atentar para as potências dos silêncios que surgiam.

Ao garatujar naquelas paredes vazias, mas, ao mesmo tempo cheias de clichês da docência (inclusive sobre as superfícies onde um tracejar da docência pode ou não acontecer), possibilitei-me brincar com esses clichês imaculados, não os levando mais tão a sério...

Corazza (2013) fala em um devir alegre, criador, artista da docência, um devir criança... aberto também a outros devires.... Com ela penso nessa docência em devir outra coisa, que não propriamente um Professor (em sua versão majoritária), um devir, que não se trata de

imitar nada... mas que pode arrastar a docência a outras possibilidades de existir, por meio da vitalidade do encontro que produz algo de molecular... Nas palavras da autora,

[...] quando um professor brinca, um educador uiva, um pedagogo canta, um artista ensina, se isso for feito com bastante intensidade e paixão, o professor emite uma criança molecular; o educador, um lobo molecular; o pedagogo, um cantor molecular; o artista um professor molecular (CORAZZA, 2013, p. 27).

Que devires moleculares podem atravessar o garatujar de uma docência, que se produz a cada vez, junto dos encontros de uma aula e junto da escrita? A escrita poderia funcionar também como um meio de garatujar nas paredes e papéis de uma docência majoritária?

Ao garatujar nos papéis da docência seria possível produzir uma docência que devém pássaro em dias de vento norte?

*E lá estavam eles (os pássaros) em meio ao vento norte a voar na turbulência, a brincar com aquelas forças demasiado violentas, e a me provocar novamente a pensar a docência...
Compondo com o vento de forma não apaziguada... E a dizer com seus pequenos corpos, naquele mundo demasiado grande, sobre ter coragem de abrir as asas em dias de vento norte, sobre sair do conforto do ninho, e afirmar uma dança desajeitada, longamente preparada, mas também improvisada no encontro...
Como lidamos com o vento norte que atravessa nosso corpo/pensamento numa aula, em nossas leituras, na preparação de uma aula, após uma aula? O que produzimos com ele?
Como produzir asas para voar em dias de vento norte?
Cada corpo é um corpo, e é no encontro com o vento, que cada um há de encontrar meios singulares para produzir tal façanha...
Mas cabe lembrar que não se está só, somos um coletivo a nos lançar nesse voo turbulento juntos...
Aliás, sempre somos muitos mesmo quando se está só...
Produzir asas, talvez diga de uma 'solidão povoada' de muitos/as como diz Deleuze (1992)...
De um corpo que se deixa atravessar por muitos encontros... (com leituras, pessoas, imagens, coisas, etc.).
Fico a pensar: Cada corpo-docência não seria já um bando de pássaros a voar em dia de vento norte?
(Biografema da segunda autora)^[8]*

Poderíamos garatujar nas paredes da docência majoritária, até abrir com esse movimento uma pequena janela, irregular, para compor com o fora? O fora, que não se trata apenas de uma exterioridade, é o que, antes, esburaca o dentro, como meio de fazer passar outros fluxos. "O fora é o reino do devir, uma tempestade de forças [...] um espaço anterior [...] no qual as coisas não são ainda" (LEVY, 2011, p. 83), no qual é necessário traçar uma linha feiticeira de criação, uma linha de impossível que é necessário dobrar para produzir um outro dentro no qual possamos nos abrigar e produzir outros possíveis.

Com Hara (2012) me coloco a pensar nesses movimentos que nos fazem recomeçar, sempre e outra vez... Ele menciona a partir de uma narrativa sobre a criança que brinca e constrói castelos de areia na praia:

No cair da tarde, o movimento das marés ensina a criança sobre o caráter efêmero das construções humanas. Porém, mal o dia começa, mal a aurora se desembaraça dos véus da noite, e o coraçãozinho da criança já pulsa pleno de esperança e desassombro. Há alguma razão para desencorajá-la nessa nova aventura? (HARA, 2012, p. 49).

Com a escrita que apresentei anteriormente, a qual foi “espreitensaiada” no segundo semestre de 2019, “gagaratujei” também a palavra docência produzindo com ela uma experimentação visual. Essa foi então oferecida aos/às estudantes ao final do semestre, junto a escrita-convite: “Para pendurar na janela em dias de vento norte...”

Figura 9. “...d.o.c.ê.ê.ê...ê...ê...ê.ê.n.c.i.a...”. Centro de Educação - UFSM, 2019.



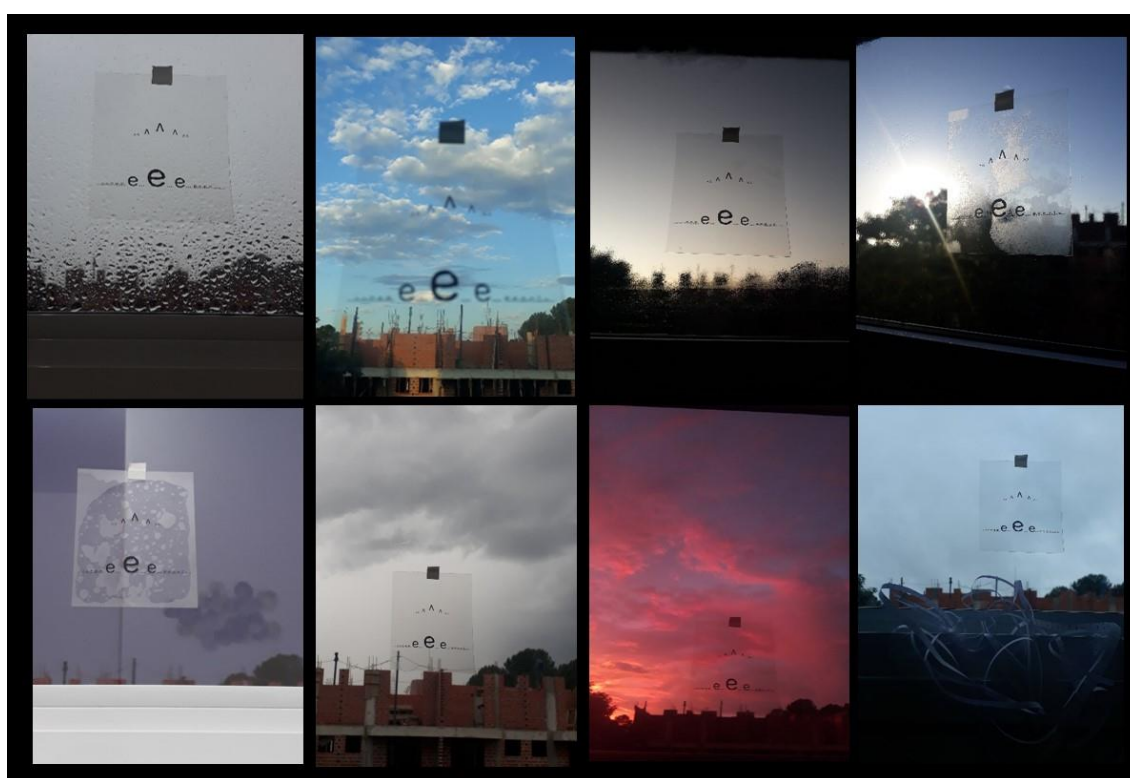
Fonte: Acervo pessoal da segunda autora.

Essa visualidade vem compondo com os dias de uma docência do agora “entre janelas”, afetada por uma pandemia e em suas tentativas de produzir encontros de forma remota com os estudantes. As exigências do momento produzem outras paredes a partir das quais quer fazer caber naqueles mesmos papéis da docência majoritária, uma docência que agora se

produz de forma remota, fisicamente isolada, uma docência sem con[tato], como provoca
Walter Kohan (2020)[9].

O fora acionado pela pandemia tem bagunçado esses papéis, produzindo [im]possibilidades. Junto aos entraves da docência remota, vou produzindo a mim mesma, enquanto produzo no agora da pandemia uma série de imagens que compõem a série “...docência na janela...”. Aquela mesma docência que intentava aprender a voar com os pássaros em dias de vento norte, agora tenta aprender a respirar e a voar com os ventos fortes da pandemia.

Figura. 10. Da série “...docência na janela...”, produzida pela segunda autora.



Fonte: Acervo pessoal da segunda autora.

Vou tateando ao passo que produzo essa série de fotografias, alguns meios de produzir uma docência que possa respirar nessa outra configuração, seguindo aberta aos encontros, seja “com” o fora que habita a janela do quarto de estudos ou “com” o fora que habita as janelas do “celular” e do “computador” nesse processo de docência remota.

Com a série “...docência na janela...”, tenho me perguntado: Como aprender com a temporalidade das nuvens um outro movimento de docência? Como aprender com as nuvens a garatujar uma docência remota? Uma docência que segue a se experimentar, sem

se saber antes do encontro (RIBETTO, 2011). Uma docência que se produz, em seu próprio movimento de aprendizagem junto aos signos (GALLO, 2012) de uma docência remota.

Essa experiência visual com a série "...docência na janela..." tem me provocado a atentar para modos de compor com a paisagem de cada dia, pois, caso contrário, encontros não serão acionados em mim e nem naqueles que fazem comigo essa experiência de aulas (fisicamente) não presenciais ...

Acho que os encontros à distância com a turma na qual estou atuando, tem me ensinado algo sobre nuvens e as nuvens me ensinado algo sobre docência. Nesses encontros vou aprendendo modos nuvem de me movimentar e também de compor com os ventos que sopram em nossas aulas, com nossos encontros semanais (pelas janelas do computador e do celular)... Com as nuvens, aprendo a estar na docência de um modo talvez mais leve e flexível... respeitando as velocidades dos ventos, escorrendo quando não consigo flutuar... para retornar outra, mais uma vez, e outra. Nessa docência "entre" janelas, fico à espreita das rajadas de vento e das chuvas que me tiram do lugar...

Garatujando o tempo em meio à lama: da potência infante na pesquisa e na experiência educativa...

As garatujas sobrepostas, apresentadas inicialmente na série "As paredes da minha casa", instigaram-me a visitar alguns desenhos e fotografias da infância e também a sobrevoar novamente a pesquisa de Doutorado... Ao entrar em contato com esses pontos brilhantes dos "lençóis ou camadas de passado" (DELEUZE, 1990, p. 150)^[10], pude visualizar a potência da dimensão intensiva do tempo, pois ao acionar o passado, passei a atualizá-lo e expandi-lo. A convocação do pretérito nesta ótica se tornou inventora, porque passou a contribuir para a criação de um novo tempo e de um inusitado pensar.

Distante de um tempo cronológico, em que passado, presente e futuro estão linearmente e progressivamente organizados, ganha lugar outra temporalidade: a do acontecimento (DELEUZE, 1990). O acontecimento é um entre-tempo que leva em consideração os intervalos e as rupturas. A partir do disparo de sensações e afetações há o estiramento, impulsionando para além do tempo-espaço em que foi produzido. É por isso que acontecimento intercepta e revoluciona a história, trazendo à tona a invenção de uma nova história, mesmo que sempre provisória.

Mesmo carregada de emoção, a visitação ao passado não serviu de amarras para impedir à criação, pois a intensidade do devir que coexiste e se confunde na espessura dos tempos,

potencializou a capacidade de vir à tona possibilidades impensadas, lançando-me para cenários inimagináveis. Os encontros com essas camadas de passado não tiveram e não têm a intenção de buscar modelos, mas, sim, de desdobrar tantas vezes quantas forem necessárias, garantindo outras possibilidades com eles. O que está em jogo é a potência intensiva que se formou, a resistência que se produziu e a invenção que se conquistou de algo novo.

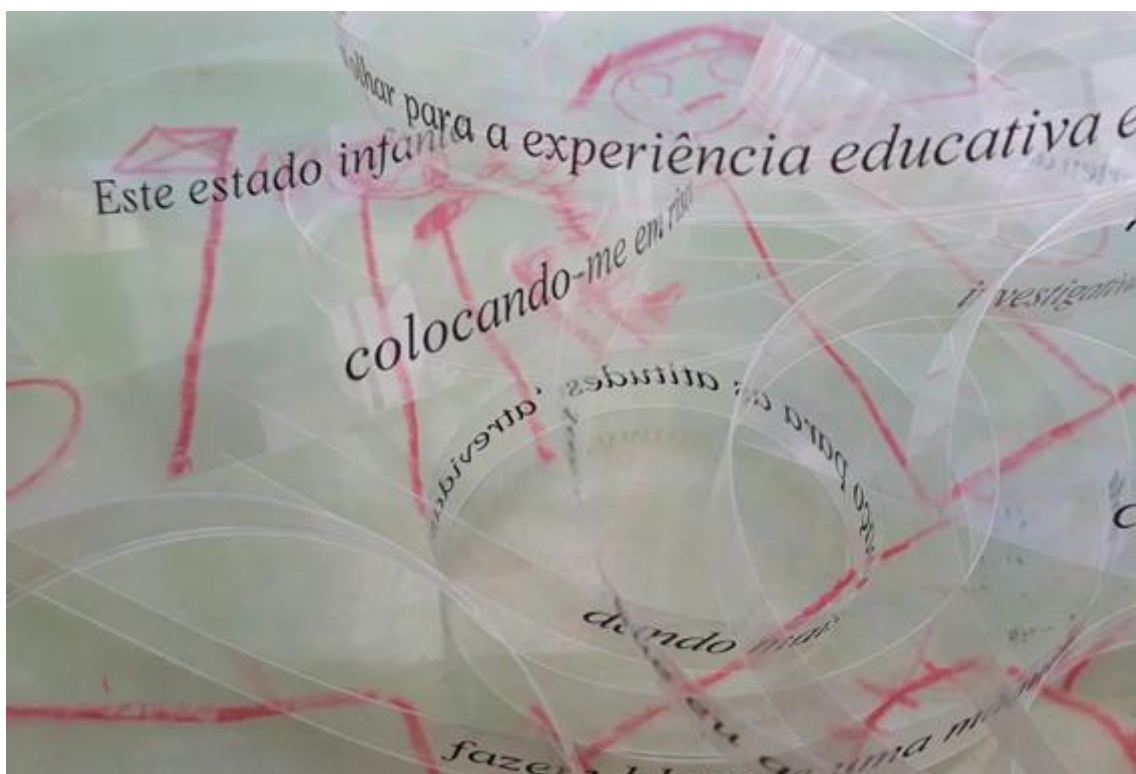
Figura. 11. Pontos brilhantes 1, 2020.



Fonte: Acervo pessoal da terceira autora.

*Aciono e convoco o passado
com a intenção de atualizá-lo,
buscando me libertar de toda interpretação.
Passo a me diluir,
suplantando o meu eu.
E nesta experimentação
procuro garantir em meio aos afetos,
aos fluxos de intensidade, aos devires.
É neste movimento imanente de forças
que expando o instante
e passo a desfrutar dele.
Um novo tempo é produzido
e um outro modo de viver é inventado...
(Biografema da terceira autora).*

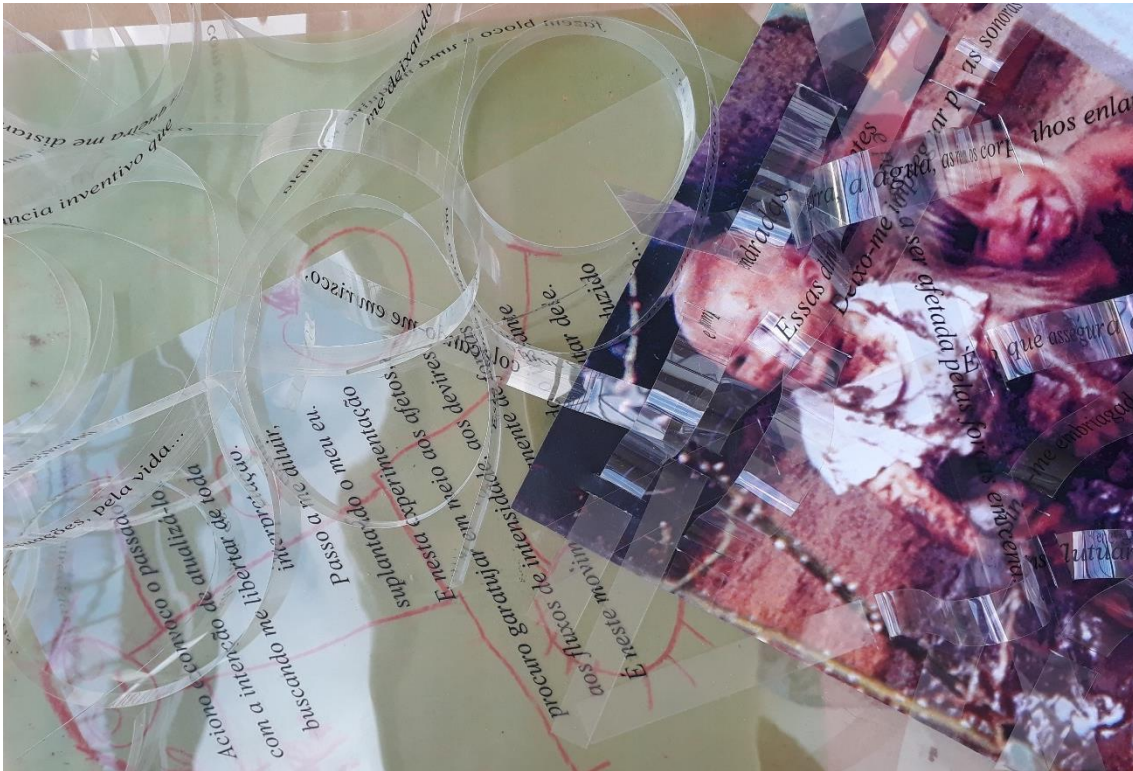
Figura. 12. Pontos brilhantes 2, 2020.



Fonte: Acervo pessoal da terceira autora.

*Deixo-me impregnar pelas sonoras e
agradáveis gargalhadas em meio à lama.
Sinto-me embriagada pela aventura
e passo a ser afetada pelas forças em cena.
A terra, a água, as risadas,
os corpinhos enlameados...
São heterogêneos que coexistem
com sua peculiar diferença.
Essas dinâmicas dissonantes
fazem bloco e uma máquina múltipla
passa a ser desenhada.
Permutam-se partículas
e outras composições são engendradas.
É o que assegura o movimento dos fluxos
e as energias flutuantes.
É o que garante a corrente de vida...
(Biografema da terceira autora).*

Figura. 13. Pontos brilhantes 3, 2020.



Fonte: Acervo pessoal da terceira autora.

*É este bloco de infância inventivo que
me convida a olhar para
a experiência educativa e investigativa com alegria,
com prazer, com entusiasmo,
dando mais espaço para as atitudes 'atrevidas',
'levadas', 'travessas' e 'arteiras'.
Este estado infante,
que também habita em mim,
faz com que eu queira me distanciar
do que está prenunciado e
daquilo que é expectável,
aventurando-me mais,
colocando-me em risco,
rindo de mim mesma e
me deixando enlamear pelas coisas,
pelas pessoas, pelas situações, pela vida...
(Biografema da terceira autora).*

Essa experiência trouxe à tona a potência infante que habita em mim, pois não se trata de uma reprodução ou de uma adaptação, mas sim de uma força de variação e de uma fenda aberta para a invenção, de um devir-criança. É de forma a-histórica que um devir-criança habita, não está no passado saudoso e tampouco no amanhã idealizado, está nessa fenda, neste “meio”, neste “entre” ...

Esse encontro me impeliu a fazer insólitos diálogos com a própria vida e a produzir outros campos de sentidos com a pesquisa e com a experiência educativa. Provocou-me, também, a pensar que a incidência inventiva da potência infante pode contribuir na incorporação de uma temporalidade que propõe abertura, interrupção e invenção contínua, em vez de um movimento fixo, controlado, sequencial e expectável.

Neste jogo de compartilhamentos entre infância, pesquisa e experiência educativa é que os limites são borrados e as fronteiras são cruzadas e contaminadas, fazendo-me garatujar uma investigação-experiência-educativa-infante...

que é pensada mais como um estado ou uma dimensão, estando vinculada a uma temporalidade que leva em consideração os rompimentos da história.

*que é assentada na afirmação, na potência e na invenção.
que faculta a chance do nascimento e da criação de trajetos distintos dos habitualmente percorridos.*

que nos incita e nos coloca na condição de compor de outros modos com o que já se pensou, para pensar de forma inaugural.

em que são cruzados os acontecimentos e, por isso, deixa-se irromper pela multiplicidade e pela diferença.

que se inscreve em uma temporalidade que propõe abertura, interrupção e invenção contínua.

que leva em consideração a ótica das possíveis escolhas, estando disponível à vida em sua pluralidade e em sua força de variação.

que se coloca em condição de incompletude, de lacunosidade, em processo constante de invenção.

que rompe com a ordem preestabelecida e imposta às coisas, às pessoas e às situações, passando a configurá-las de outras formas.

que ao disparar perguntas-máquinas pode acionar o pensar, movimentar um devir criador e produzir distintas problematizações.

que instiga o pensamento a vacilar, a saltar, a duvidar, a brincar, a dançar, a rodopiar e a caçoar de si próprio.

que opera um pensamento que não se pensa comumente, pois não responde ao que se aguarda dele.

que surpreende e oferece a alegria do inusitado e do extra e infraordinário.

que é mapeadora intensiva de afetos, pois o que a impulsiona e a faz movimentar de um ponto a outro é a capacidade de tocar e ser tocada por aquilo que aciona potências outras para produção de sentidos.

que se coloca em variação contínua quando elege e faz operar recortes que venham a aumentar a potência de agir dos envolvidos.

que nos concede um olhar ainda não disciplinado,

ofertando-nos uma percepção não comprometida com hábitos e vícios.

*que nos brinda com uma visão inédita,
como se fosse pela primeira vez, convidando-nos a um olhar que se esquivava de opiniões pré-
concebidas, conclusões definitivas e julgamentos.*

*que nos presenteia um olhar desarmado e desavisado,
fazendo-nos surpreender com as inúmeras possibilidades que traz para a discussão.*

*que se investe de um vigor criador quando faz escolhas e
subtrai as forças que insistem em cimentá-la em pontos pré-definidos.*

*e que nos apresenta um mundo de reticências e não de pontos finais...
(Biografema da terceira autora^[11]).*

Quiçá possamos tecer uma experiência educativa e investigativa em que não precisemos ter o receio de exibir esse estado infante, afirmativo e inventivo que aciona em nós a potência do garatujar em meio aos papéis e paredes que condicionam a vida...

Pontas soltas de garatuja que necessitam continuar....

No agenciamento coletivo dessa escrita, sobrevoamos as linhas corpóreas das garatuja... Foram conversações entre fragmentos do vivido que moveram escritas biografemáticas, frequências crianceiras que atravessam nossas experiências e escritas a três pares de mãos.

Os ensaios “gagaratujatos” em biografemas potencializou corpos-escritas cheios de vibrações. Compreendemos a dobra que compõe o verbo “gagaratujar” – garatujar em conjunção com o gaguejar – como uma ação que dá a ver os desvios do percurso, as linhas de fuga frente às linhas retas e duras do caminho, trazendo para o ensaio os gestos silenciosos, ao passo que “o gesto insinua sinuosidades <Insinuare: infiltrar-se>; ele moleculariza certas posturas” (COSTA, 2010, p. 122-123, grifos no original).

A escrita e investigação poética mobilizadas aqui pela ação de garatujar foi ganhando consistência junto as formas de pensar o desenho em seus “gestos costumeiros e gestos erráticos” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 83). Costumeiramente o desenho não escapa de uma ação molar, pois são modos característicos de validação das figurações, formas esperadas e representações que se aproximam do real. Os gestos erráticos, são campos [im]possíveis de sobreposições em linhas garatujadas que fogem das formas ditas reconhecidas e ganham potência em um devir-criança, com seus gestos vibrantes e ativos, sempre em vias de passagens. São gestos do agora que mobilizam outros territórios, outros suportes, outros corpos para compor junto.

Os fragmentos do vivido por três corpos/pensamentos integram os fluxos mobilizados nesse artigo em biografemas. Ao escrevermos nos deparamos com os papéis constituídos em nossas vidas, como um desenho pronto, copiado e decalcado em sua natureza, do qual emanam hierarquias, homogeneização, posturas estabelecidas costumeiramente. Decalques que instituem papéis de mãe e de docência e que, como paredes fechadas, aprisionam modos de pesquisar e experimentar. Que gestos são capazes de arrastar esses papéis instituídos?

As rodadas de escritas foram se articulando nos “entre-meios” e produzindo, junto aos fragmentos de vida de cada uma, gestos errantes que foram incendiando e contagiando a escrita e a vida de cada uma de nós. Animando-nos em construir outros modos, mapas caminhos que nos arrastam pelo avesso das camadas, em vias de encontros e conjugações, os gestos vão acionando pensamentos povoados pela potência infante que reside em nós em tempos distintos. São substratos que mantêm nossos desejos e pulsões de vida, são devires, devir-criança.

Borbulhamos experiências crianceiras em coletivos poéticos de mãe e filho, na pesquisa, na experiência educativa, em docências e remessas de escritas coletivas, desenhando e deixando rastros e gestos em meios às linhas... sendo estas garatujadas em escritas, em ensaios e na vida. Nessas vivências fomos ensaiando estratégias de nos desprendermos dos papéis rígidos, traçando linhas garatujadas de fuga, construindo nossas armas com experimentações poéticas e de escrita, e abraçando as potências que um devir-criança ia produzindo no corpo/pensamento de cada uma nesse processo.

REFERÊNCIAS

CARDONETTI, V. K. **Experiências educativas**: ressonâncias de intercessões fílmicas. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014, 156 f. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/11286?show=full> Acesso em: 10 jun. 2020.

CORAZZA, S. M. Para artistar a educação: sem ensaio não há inspiração. In: **O que se transcria em educação?** Porto Alegre/RS: UFRGS; Doisa, 2013.

COSTA, L.B. da. **Biografema como Estratégias biográfica**: Escrever uma vida com Nietzsche, Deleuze, Barthes e Henry Miller. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/27673> Acesso em: 10 jun. 2020.

DALMASO, A. C. Devir-criança o ingovernável da vida. **Revista ClimaCom** [online], Campinas, chamada para publicações: dossiê “Devir-criança o ingovernável da vida. 2020.

Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/pagina-principal/dossie-devir-crianca-o-ingovernavel-da-vida-chamada-aberta/> Acesso em: 10 maio 2020.

DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G. **Cinema 2 - A imagem-tempo**. Tradução de Eloisa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 1990.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 54, 2012.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Tradução de Ana Lucia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto et al. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DERDIK, E. **Formas de Pensar o Desenho - desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: ed. Scipione, 1989.

FERREIRA, A. B. de H. Dicionário da língua portuguesa. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. By Regis Ltda Disponível em: <<https://editorapositivoaurelio.page.link?apn=br.com.editorapositivo.aurelio&ibi=https%3A%2F%2Feditorapositivoaurelio.page.link&link=https%3A%2F%2Feditorapositivoaurelio.page.link%2Fentry%2F66498>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

GALLO, S. As múltiplas dimensões do aprender... In: COEB - CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA: APRENDIZAGEM E CURRÍCULO. 2 ed, 2012, **Anais...** Florianópolis: Prefeitura Municipal de Florianópolis. p. 01-10. Disponível em: <www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_02_2012_10.54.50.a0ac3b8a140676ef8ae0dbf32e662762.pdf> Acesso em 30 maio 2020.

GIL, J. A reversão. In: LINS, D. (Org.). **O devir criança do pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

HARA, T. **Ensaio sobre a singularidade**. São Paulo: Intermeios; Londrina: Kan Editora, 2012.

KOHAN, W. **Tempo(s) de re-inventar (nos)**. Live organizada Associação de Pós-Graduação da UFSM, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PCvTXVbwAJE>. Acesso em: 18 maio 2020.

KOHAN, W. Apontamentos filosóficos para uma (nova) política e uma (também nova) educação da infância. (Trabalhos encomendados). **REUNIAO ANUAL DA ANPEd, 27**, Caxambu/MG, n/p, 2004. Disponível em: http://27reuniao.anped.org.br/diversos/te_walter_kohan.pdf. Acesso em: 10 jun. 2020.

LARROSA, J. O ensaio e a escrita acadêmica. In: CALLAI, C.; RIBETTO, A. (Orgs.). **Uma escrita acadêmica outra: ensaios, experiências e invenções**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.

LEVY, T.S. **A experiência do fora**: Blanchot, Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MACHADO, L.D.; ALMEIDA, L. P. Notas sobre escrever [n]uma vida. In: CALLAI, C.; RIBETTO, A. (Org). **Uma escrita acadêmica outra** – ensaios, experiências e invenções. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2016.

RIBETTO, A. Pensar a formação de professores desde a experiência e desde o *menor* da formação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n2, p. 109-119, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/issue/view/116>> Acesso em: 30 maio 2020.

ROLNIK, S. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SANTOS, M.R. **Marcas e vestígios de uma poética materna em devir**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

SAINT-EXUPÉRY, A. de. **O pequeno príncipe**. Tradução de Frei Betto. São Paulo: Geração Editorial, 2015.

SKLIAR, C. **Desobedecer a linguagem**: educar. Tradução de Giane Lessa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

Recebido em: 30/06/2020

Aceito em: 30/07/2020

^[1] Acadêmica do Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino na Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. Graduada em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Maringá UEM, PR. E-mail: monalisa.romanesisantos@gmail.com

^[2] Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de pesquisa LP4- Educação e Artes da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Pesquisadora do GEPAEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura da UFSM-RS. E-mail: francieligarlet@yahoo.com.br

^[3] Pós-doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa LP4 – Educação e Artes. Pesquisadora do GEPAEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura da UFSM. Professora Externa do Curso de Graduação à Distância de Educação Especial, na Universidade Federal de Santa Maria, RS. E-mail: vicardonetti@gmail.com

^[4] SANTOS, Monalisa Romanesi. **Marcas e vestígios de uma poética materna em devir**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

^[5] Devir-criança “[...] diz respeito à aliança, à proximidade e atração de forças moleculares que se reportam às potências infantis, diferentemente da filiação que nos induz a uma criança em particular, a uma representação molar. Isso nos faz pensar que um devir-criança é impessoal, pois não se fixa a nenhuma pessoa em particular. Está para um tempo crônico, não progressivo e devém, ele próprio, criança” (CARDONETTI, 2014, p. 120).

[6] Lar onde a primeira autora desse texto vive com seu filho.

[7] Falas do Davi anotadas por sua mãe Monalisa (primeira autora deste artigo). Essas frases eram proferidas por ele enquanto garatujava nas paredes da casa onde vivem, acionadas por algum elemento que se passava naquele momento cotidiano.

[8] Esse biografema fez parte de um exercício de escrita semanal produzido pela segunda autora, junto à turma de Estágio Curricular Supervisionado 2 do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria, em 2019. A proposta lançada ao grupo, denominada “espreitensio”, consistia em buscar a cada semana alguma desculpa para escrever e pensar esse processo de docência em constante produção de si que cada um/a estava experienciando junto ao processo de inserção na escola. Enquanto professora na disciplina, também fiz esse exercício semanal. A cada aula tínhamos um momento de partilha das escritas produzidas na respectiva semana.

[9] Na live “Tempo(s) de re-inventar(nos)” organizada pela Associação de Pós Graduação da UFSM em 18.05. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PCvTXVbwAJE>

[10] Deleuze coloca que “cada lençol de passado tem sua distribuição, sua fragmentação, seus pontos brilhantes, suas nebulosas, em suma, uma idade” (DELEUZE, 1990, p. 150). É por isso que uma imagem do presente pode fazer acionar os pontos brilhantes de uma camada de passado em fração de segundos, pois elas coexistem.

[11] Esse biografema faz parte da tese da terceira autora, defendida em 2014 na Educação na Universidade Federal de Santa Maria.